**[RELAÇÕES ETNICO-RACIAIS E AFRODESCENDENCIA](https://ava.ead.unip.br/webapps/blackboard/execute/launcher?type=Course&id=_418902_1&url=" \t "_top)**

Debater as intricadas relações étnico-raciais, em especial aquelas relativas à população negra, é fundamental pra entender o Brasil de hoje. Essa conversa não é só sobre o passado, pelo ao contrario, revela como as estruturas de desigualdade e poder funcionam no presente. É crucial entender que o racismo vai além de preconceito pessoal, formando um sistema que organiza e hierarquiza a nossa sociedade. Logo, uma análise crítica dessas dinâmicas é urgentemente precisa pra construir uma democracia de verdade. Conforme defende o filósofo (Silvio Almeida em 2019), atos individuais ou institucionais em sociedades racistas frequentemente replicam a discriminação racial, às vezes sem intenção.  
 A importância desse assunto fica ainda mais clara ao desconstruir a ideia de democracia racial, que por muito tempo escondeu as desigualdades gritantes, comprovadas por dados sociais e econômicos. Nessa situação, a luta por reconhecimento se manifesta através do direito de cada um contar sua própria história e enfrentar as estruturas de opressão. Como diz ( Djamila Ribeiro em 2017).  
 No contexto apresentado, a ideia de "lugar de fala" ganha destaque, incitando a reflexão sobre quais vozes sempre foram ouvidas, e quais foram silenciadas, desafiando as relações de poder na fala. Estudar a fundo este tema ajuda a entender e valorizar os conhecimentos e vivências que foram, por muito tempo, ignoradas.  
 Portanto, a matéria de Relações Étnico-Raciais e Afrodescendência ultrapassa o campo academico, é um conhecimento essencial, fundamental para a formação profissional.

**Importancias das mulheres negras na computação** É crucial examinar a importância das mulheres negras na área da computação sob a visão da desigualdade, conceito desenvolvido (Kimberlé Crenshaw em 1989.) Segundo ela, racismo e sexismo se combinam, gerando um obstáculo duplo para essas mulheres.  
 Um exemplo histórico é o livro "Estrelas Além do Tempo", de Margot Lee Shetterly, lançado em 2016. As contribuições de matemáticas como Katherine Johnson e de programadoras pioneiras como Dorothy Vaughan foram cruciais para o sucesso da NASA. Elas superaram a segregação e se tornaram figuras importantes na corrida espacial.  
  
 Esse apagamento histórico resulta em problemas atuais na tecnologia, originando sistemas enviesados e discriminatórios. O estudo "Gender Shades", conduzido por (Joy Buolamwini) e (Timnit Gebru em 2018), revelou que algoritmos de reconhecimento facial cometem erros em quase 35% dos casos envolvendo mulheres negras, uma disparidade significativa em relação à precisão com homens brancos. Isso não é mero erro, mas o que a socióloga (Ruha Benjamin) define como "design discriminatório", em 2019, onde o preconceito social é incorporado e automatizado nos sistemas.  
 Portanto, a inclusão de mulheres negras na tecnologia é muito mais do que uma simples medida corretiva; é algo essencial para o futuro da inovação. Na área de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, a diversidade de equipes é fundamental para criar soluções mais equitativas, seguras e eficazes para toda a sociedade, evitando que a desigualdade se perpetue com a automação.

Fica nitido que a área de Análise e Desenvolvimento de Sistemas transcende a mera tecnicidade, configurando-se como uma atividade social com fortes implicações éticas. Ao incorporarmos o conhecimento sobre Relações Étnico-Raciais, constatamos que noções como racismo estrutural e interseccionalidade ganham forma concreta em códigos, algoritmos e interfaces, e não são apenas ideias abstratas. A trajetória de mulheres negras na informática, a exemplo das precursoras da NASA, nos transmite um ensinamento essencial: a omissão de certos grupos não só prejudica a inovação, mas também origina tecnologias problemáticas e injustas. Sendo assim, o objetivo do profissional de tecnologia do século XXI é ultrapassar a simples execução do código e encarar a missão de criar soluções que incentivem a igualdade, assegurando que a tecnologia seja um instrumento de inclusão, e não um reflexo das disparidades da nossa época.

**REFERÊNCIA**

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

FREITAS, Thayanne Tavares. RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p.(Feminismos Plurais). **Horizontes Antropológicos**, n. 54, p. 361-366, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

LONGWORTH, Jackson. Benjamin Ruha (2019) Race After Technology: Abolitionist Tools for the New Jim Code. Medford: Polity Press. 172 pages. eISBN: 9781509526437. **Science & Technology Studies**, v. 34, n. 2, p. 92-94, 2021.

NOBLE, Safiya Umoja. Algorithms of oppression: How search engines reinforce racism. In: **Algorithms of oppression**. New York university press, 2018.

BUOLAMWINI, Joy; GEBRU, Timnit. Gender shades: Intersectional accuracy disparities in commercial gender classification. In: **Conference on fairness, accountability and transparency**. PMLR, 2018. p. 77-91.

SILVA, Tarcízio; BIRHANE, Abeba (Ed.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiaspóricos**. São Paulo: LiteraRUA, 2020.

Programa orientado a objetos ll

(RANGEL; CARVALHO JR., 2021).

(WAZLAWICK, 2010).

Fowler (2014),

Guedes (2018)

Larman (2007)